
ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO E A SELEÇÃO DE POETAS PARA A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE (1842-1845)

António Feliciano de Castilho and the selection of poets for the *Revista Universal Lisbonense* (1842-1845)

Eduardo da Cruz¹

RESUMO: As páginas da *Revista Universal Lisbonense* sob a redação de António Feliciano de Castilho (1842-1845) funcionavam como meio de experimentação estética e de divulgação de jovens autores. Pretende-se, neste artigo, identificar possíveis critérios para a seleção de poetas, por Castilho, para seu periódico, a partir de sua relação com os jovens poetas do grupo d'*O Trovador*, de Coimbra, baseando-se no que publicaram na *Revista* e nos comentários de A. F. de Castilho em cartas ou na publicação.

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo português; *O Trovador*; João de Lemos; Poesia.

ABSTRACT: The pages of the *Revista Universal Lisbonense* under the edition of António Feliciano de Castilho (1842-1845) functioned as a space for aesthetic experimentation and promotion of young authors. It is intended in this paper to identify possible criteria for the selection of poets, by Castilho, for his journal, based on his relationship with the young poets of the group of *O Trovador*, from Coimbra, and based on what was published in this journal and on A. F. de Castilho's comments in letters or in this publication.

KEYWORDS: Portuguese Romanticism, *O Trovador*, João de Lemos; Poetry.

Muito já foi escrito sobre a relação entre António Feliciano de Castilho (1800-1875) e os poetas do periódico de Coimbra, *O Trovador*. Ressalta-se, normalmente, a relação de elogio mútuo, lendo esse grupo como um conjunto homogêneo. Esse tipo de análise tem marcado a história da literatura portuguesa, menosprezando tanto as características individuais de cada poeta quanto a própria posição de Castilho no mercado literário português da época.

É preciso ressaltar que, quando surge o jornal coimbrão, o autor d'*A Primavera* era já um poeta consagrado em Portugal e redator de um dos principais periódicos culturais do romantismo português, a *Revista Universal Lisbonense*², cargo que exerceu entre janeiro de 1842 e junho de 1845. É com a publicação nessa revista que os jovens de Coimbra alcançaram

¹ Professor Adjunto da Universidade Rural do Rio de Janeiro (Seropédica).

² Por economia, referenciá-la-emos como *RUL*.

reconhecimento nacional. Por outro lado, António Feliciano de Castilho aproveitava o sucesso que seu periódico alcançou para apoiar novos autores e ser glorificado por eles. Contudo, não podemos ignorar que o redator era exigente na escolha de seus colaboradores e que deveria ter critérios para essa seleção de poetas e de obras. Compreender essa escolha é importante pelo peso que a crítica deu ao longo dos anos aos poetas do jornal *O Trovador* promovidos por Castilho. É o que pretendemos fazer ao lermos, em conjunto, esses dois periódicos e buscarmos informações sobre as relações entre esses escritores, sobretudo a troca de correspondência entre eles, obtidas no espólio dos Viscondes de Castilho no Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa.

O tratamento dado aos poetas de Coimbra como um todo homogêneo nos parece um equívoco, tanto em relação às suas produções quanto aos seus relacionamentos com Castilho. Se pensarmos quantitativamente, são vinte e sete³ os poetas que participaram d'*O Trovador* que, em sua primeira versão, publicou cento e oitenta e oito poemas. Desses, apenas nove poetas foram publicados na *Revista Universal* (ou dez, se considerarmos Almeida Garrett como um poeta que publicou tanto na *RUL* quanto no *Trovador*, apesar de ter sido anônima sua participação neste jornal e ser da geração de Castilho). Pensamos, portanto, que deveria haver algum critério para o redator deixar de fora dois terços dos poetas do periódico tão elogiado por ele. Por outro lado, ainda quantitativamente, os nove poetas que participaram tanto do *Trovador* quanto da *Revista* publicaram, no jornal de Coimbra, cento e quarenta e nove poemas. São, portanto, um grupo representativo e com grande produção no período para atender as duas folhas. Entretanto, isso não esgota a busca de critérios de seleção. Afinal, há poetas que publicaram pouco no *Trovador*, mas que também participaram da *Revista Universal*.

Pensamos, então, em um possível motivo para essa seleção baseado num aspecto que marca a visão que se tem sobre a obra de Castilho, a preocupação com a forma do poema. Uma vez que Castilho, alguns anos mais tarde, esquentava uma polêmica a partir de seu *Tratado de Metrificação* (1851) ao defender o uso do verso alexandrino francês, observamos sobretudo a métrica utilizada por esses poetas. Não é este, contudo, o caso dos poetas do *Trovador*. Eles utilizam um metro variado em suas composições para o jornal coimbrão e o mesmo ocorre em suas produções para a *RUL*, inclusive com poemas plurimétricos. Além disso, alguns desses

3 A. Cabral Couceiro, A. Gonçalves Dias, A. M. do Couto Monteiro, A. Pereira da Cunha, A. de Serpa, A. X. R. Cordeiro, A. Lima, Aires de Sá Pereira e Castro, Evaristo Basto, F. de Castro Freire, F. Palha, H. O'Neill, J. A., J. da Costa Cascais, J. Freire de Serpa, J. Frutuoso, D. João de Azevedo, J. de Lemos, J. Marcelino de Matos, J. Maria Borges, L. A. Palmeirim, Luís da Costa Pereira, Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque, Nuno Maria de Sousa Moura, * [Ernesto Henriques], ** [J. B. de Almeida Garrett].

autores publicam mais do que poemas na *Revista*, como narrativas, crônicas e notícia. Como ser bom poeta não implica necessariamente ser bom prosador, algo mais deveria passar pela mente de Castilho na escolha de seus colaboradores.

Conforme afirma Maria de Lourdes Lima dos Santos (1988), a geração nova tinha suas carreiras alavancadas pelo sucesso de suas obras em alguns periódicos. Sendo a *Revista* um dos periódicos com maior público no período, seria, claro, alvo de interesse de muitos jovens literatos. Essa relação funcionava nas duas direções. Também Castilho obtinha vantagem da participação de jovens autores, aumentando seu grupo de amizade e influência, além de aproveitar nomes que estavam fazendo sucesso naquele momento.

Ao observarmos especificamente as relações de António Feliciano de Castilho com os poetas d'*O Trovador*, percebemos que, efetivamente, havia para o redator da *RUL* uma hierarquia clara no nível poético desses jovens. São esclarecedoras algumas cartas que António Feliciano dirige a António Xavier Rodrigues Cordeiro sobre as colaborações poéticas para sua *Revista*. Uma delas, datada de 4 de janeiro de 1845, explica não ser possível publicar a colaboração do jovem acadêmico: “E realmente que chegãõ tarde os versos de V. S. para a festa d’este anno: o mesmo aconteceu a tres outros poemas lyricos. Póde pois V. S., a seu gôsto, aperfeicoal-os agora com tempo para o Natal seguinti” (PT/ANTT/Colecção Castilho/Cx21/Ms.2/Doc16(3)).

Teriam realmente chegado tarde ou não eram suficientemente bons? Afinal, ainda precisavam ser aperfeiçoados. O restante da carta traz tantas indicações sobre como devem ser compostos os poemas para a *Revista* que nos faz crer que efetivamente a produção de Rodrigues Cordeiro não era da qualidade que Castilho gostaria. Parece, inclusive, que sua colaboração não havia sido solicitada, mas enviada por sua própria conta:

Se V. S. se-dá por convidado a esta mesa redonda, que a *Revista* franqueia a todos os bons engenhos, para todas as festas do anno, permitta-me fazer-lhe uma advertencia:

O systema, que mais convêm seguir, a razão e a experiencia mostram, que não é o de tratar o objecto em si mesmo, porque ahi defficilmente se-póde ser original; tudo está dito em verso e em prosa milhões de vezes; e repetil-o é correr grande risco de não ser lido. O que logo convem, é roçar pelo objecto, feril-o obliquamente, tomal-o como fundo para um desenho novo, emfim não como principal, artisticamenti considerado, mas como accessorio. De um e de outro systema achará V. S. os exemplos nos N.^{os} 23 e 24 da *Revista*, e facilmente notará, pelo effeito diverso que essas peças produzem, a muita razão, com

que lhe dou este conselho, obrigado, ja se-vê, unicamente, pelo desejo de o-ver brilhar o mais que lhe-for possível. (PT/ANTT/Colecção Castilho/Cx21/Ms.2/Doc16(3))

O trecho mostra como o tema dos poemas devem ser abordados, “obliquamente”, como “fundo”, de modo que a originalidade sobressaia. O modelo indicado por Castilho é curioso. Há diversos poemas publicados nos números 23 e 24 desse último tomo de sua redação, justamente aquele em que mais espaço é dado ao gênero. São os únicos dois números até então com poemas do próprio António Feliciano: “Lenda dos Bailarins” e “O Natal do Pobresinho” – este último “traduzido” do poeta dinamarquês H. P. Holst. Também estão presentes nesses números Garrett, Mendes Leal e João de Lemos, que Castilho indica em outra carta a Cordeiro, de 14/04/1845, como conselheiro e influídor se quisesse ser reconhecido⁴. Caso Xavier Rodrigues Cordeiro não tivesse entendido o que os exemplos mostravam, há ainda mais uma ressalva, em *post scriptum*, aliando qualidade poética a reconhecimento do público:

Tambem me cumpre advertir, que toda a sobriedade é pouca para escritos de tal genero; é indispensavel, que sejam concisos, curtos, e substanciâes; e sôbre tudo o mais esmerados possível em versificação e rima. Por entre as concorrentes ha alguns dextrissimos; os leitores, constituídos em jury, gostam de comparar, e nisso são severos. (PT/ANTT/Colecção Castilho/Cx21/Ms.2/Doc16(3))

Ou Castilho não apreciava a metrificação e a rima de António Xavier ou o jovem poeta de Leiria esforçava-se por não agradar a sensibilidade do redator. Sua participação na *Revista* ocorre apenas no último tomo castilhiano, com sete notícias e apenas um poema. O que enviara para o Natal não chegou a ser publicado. As demais comemorações que poderiam servir de fundo a composições poéticas foram elencadas a ele, mas ou não o

4 Essa carta é um pedido de desculpas por ter chamado Rodrigues Cordeiro de poetastro ao supor ter sido ele o autor de uma carta anônima. Apesar da intenção de pedir perdão, Castilho não deixa de apontar defeitos na veia poética do jovem: “diria, repito, direi, e digo, que V. S.^a em meu conceito é poeta, muitos furos abaixo de João de Lemos, sim, mas se perseverar, como espero, poeta cujo merito hade vir a ser geralmente conhecido. Para isso tem affecto, fantasia, clareza, naturalidade, muitas vezes fôrmas graciosas no dizer, e bom ouvido para a contextura lyrica: se perseverar (e peço-lhe eu, que persevere) em fazer versos: se quiser (e espero que hade querer) ser severo para consigo mesmo no emenda-los: se tomar, por exemplar não digo, que não quero eu exemplares em poesia, por mais excellentes que sejam, mas por influídor e conselheiro a João de Lemos, em quem ja alvorece com tanto esplendor um futuro immenso, ha de ser poeta, [...] os poetas fazem-se de natureza e estudo, e não de elogios [...]”(PT/ANTT/Colecção Castilho/Cx21/Ms.2/Doc9(2)).

agradou a seleção ou não se deu ao trabalho de enviar algo aceitável. Uma das festas que tinha “concurso poetico na *Revista*” (PT/ANTT/ Coleção Castilho/Cx21/Ms.2/Doc16(3)) era a “Serração da Velha”, sobre a qual Cordeiro envia uma notícia à *RUL*. Após contar, com certo pendor etnográfico, o que é essa tradição e como ela se dava em Coimbra, há uma quebra de expectativa, pois naquele ano de 1845 não se realizara na Universidade, que estava de luto pela morte de alguns alunos que morreram de febre. Pergunta ele: “Não acha, Sr. Redactor, [...] que esta abnegação de prazeres, e gozos votada á saudade do mancebo finado – é digna de elogio?” (*RUL*, IV, nº 34, 13/03/1845, p. 413). O que responderia Castilho? Rodrigues Cordeiro não enviara um poema nem sobre a festividade nem sobre o luto, perdendo uma oportunidade. Seu único poema publicado parece em alguns momentos querer romper com a ideia da “Festa da Primavera” realizada pelo jovem António Feliciano e seus amigos e reencenada, como elogio, pelos poetas d’*O Trovador*. A primeira estrofe, única em decassílabos como o poema de Castilho, indica a leitura do texto de 1822:

Porque amo a primavera! É porque as nuvens
N’esses campos do céu tornadas seda,
Sem meditar procellas, folgam, brincam
Das auras ao caprico? É porque as aves
Dizem seu canto novo ás balsas verdes?
Será porque a esmeralda das campinas
De mil cores se esmalta; e toda límpida
A ethérea luz sem veu se ri nas terras?
(*RUL*, IV, nº 37, 03/04/1845, p. 445)

O primeiro verso da estrofe seguinte, que abre uma série de estrofes com quantidades variadas de versos em redondilha maior, rompe com essa ideia com uma exaltada negativa: “Não é, não!...”, cujo silêncio, causado pelas reticências, lembra o silêncio que precede a tempestade ao mesmo tempo em que ecoa essa dupla negativa, para então começar uma sucessão de imagens da inocência da primavera como prelúdio da revolta do verão ou do inverno. Cordeiro também enviara à *RUL* duas notícias sobre afogamentos em rios, apontando uma dissonância entre a natureza pacífica cantada por alguns poetas e a realidade que ele via. Enquanto Castilho, na *Primavera*, defendia uma “claridade pacífica”, Cordeiro se volta ao inverno, pois lá, canta ele: “Minha alma então acordava / Co’a tempestade folgava, / Não amava a luz do dia” (*RUL*, IV, nº 37, 03 /04 /1845, p. 445). A primavera funciona como alegoria da infância que já passou e “que mais não pôde voltar”. Essas cenas do passado aparecem interligadas numa longuíssima estrofe de trinta e sete versos em redondilha menor, que termina apontando a

fugacidade da vida: “Voltava a sorrir, / Voltava a cantar, / E a infancia fugia / Sem eu o sentir”. Um tema presente em outros poemas de Rodrigues Cordeiro, que canta diversas vezes o desengano, como nesses versos do primeiro número d’*O Trovador*: “Vão as rodas do tempo esmigalhando / Uma por uma as ilusões da terra” (*O Trovador/O Novo Trovador*, 1999, p. 32).

A simplicidade dessa vida de criança no “Porque Amo a Primavera”, presente tanto nas imagens quanto na escolha da medidade velha, deve ter feito com que ele enviasse o poema a Castilho sem pensar no que o mestre sentiria. O redator acabou por publicá-la, apesar de não ter gostado muito, como indica sua carta a Rodrigues Cordeiro datada de um dia após ter saído a revista:

As recommendações de V. S. chegaram depois de já publicada a sua peça. Felizmente, eu tinha olhado para ella com attenção, e por consequencia pude, em parte, preveni-las. Erros para emendar, não lhe vi nenhum; pareceu-me ter um pouco de diffusão, imputavel á pressa com que foi escrita, e encurtei-a como pude.

A tal rima em ir, tambem a mim me não tinha parecido muito bem ali, mas são venialidades. (PT/ANTT/ Colecção Castilho/Cx21/Ms.2/Doc9(1))

Ficamos sem saber onde Castilho a encurtou. A “diffusão” é clara pela variedade de metros e de versos por estrofe, apenas em parte rimada. Uma variedade que não devia ter soado bem aos ouvidos metrificadores do poeta cego. As críticas foram em parte atendidas, pois, ao republicar esse poema n’*O Trovador*, desistiu da tal rima em “ir”, alterando o último verso para “Sem eu o cuidar”, retomando a rima de “cantar” e “mar” em vez da agudez do “sentir”, que se ligava às sensações e expressões “sorrir”, “ouvir” e “luzir”.

Outros poetas do grupo agradavam muito mais a Castilho: “Queira V. S. ver se José Freire, Couto Monteiro, e os outros, se resolvem ainda a vir a este banquete, como João de Lemos já o fez; e que riquissimamente o não fez elle!” (PT/ANTT/ Colecção Castilho/Cx21/Ms.2/Doc9(1)).

Pelo visto, António Maria do Couto Monteiro não se resolveu. Todavia, ele já havia publicado dois poemas no tomo anterior: “Coimbra” e “Saudades da Minha Infância”. O primeiro mereceu, inclusive, palavras prévias de Castilho, apresentando o autor, em quem ele via uma “predestinação litteraria”:

Entregue todo a estudos urgentes e positivos o Sr. Cóito Monteiro não cultiva, não tem tempo para cultivar a poesia: colhe-a ao acaso, segundo em seu caminho se lhe oferece florida. Respira-lhe um momento a fragrancia; tece-a, sem cuidar, n'um ramalhete ou n'uma corôa; deixa-a ficar apóz si e esquece-a. (*RUL*, III, N.º 6, 28/09/1843, p. 67-68)

Um poesia que “se lhe oferece florida” parece ser realmente a de Couto Monteiro publicada na *RUL*. Ele canta uma pátria “gentil, risonha terra” “do placido Mondego”. Coimbra aparece como “virgem formosa” que recebe os beijos desse rio. Mesmo na noite melancólica, a cidade é “enamorada, e pura”. Somente após essa longa descrição da beleza inocente, que é para ele a cidade universitária, na qual vivem as “gentis donzellas” “formosas”, o poema ganha alguma subjetividade mais efetiva. Afinal, mesmo que a donzela coimbrã não saiba “arteiros, refalsados versos”, tem “de neve o coração”. Para o sujeito lírico, nenhum peito faz eco a seus ais, seus “vãos lamentos”. Quem realmente ecoa seus gemidos é a natureza que cerca Coimbra, não as donzelas “que teu campo habitam”. Nas duas últimas seções o sofrimento do poeta é ouvido pela “fonte d’Ignez” e os “altos cedros” que a cercam e a “enluctam” a tal ponto que ele afirma: “memorias da infeliz meus ais lhe accordam”. A harmonia que havia entre o poeta e natureza amplia-se então. Seus ais acordam as memórias, revive-se a história de Inês, em acordo com todos os lamentos que aquelas águas do Mondego já ouviram. Contudo, sofre ele mais. “Dôce fôra o gemer, suave a morte”, se ele fosse como ela, “se o [seu] viver tão só não deslisára”. Sofrimento esse que é quebrado pelo refrão da primeira seção que vem arrematar o poema relembando a beleza de Coimbra, “linda flôr de Portugal”.

Mesmo em “Saudades da Minha Infância” (*RUL*, III, N.º 38, 09/05/1844, p. 458-9), a natureza parece estar sempre bela e em harmonia com ele. O sujeito reconhece a fugacidade da primavera, como da infância ou das flores, tal como no poema de Rodrigues Cordeiro. “E assim fugiram todos manso e manso / E não mais voltarão dias tão bellos!” Diferenciam-se as duas primaveras pelo modo como o poeta se liga ao tempo que se segue. Couto Monteiro invoca o amor e a religião para salvá-lo da tormenta, a ponto de confundir sua mãe e a Virgem, “Puro amor filial, piedade sancta”. É uma longa defesa do amor entre mãe e filho, na esteira realmente d’A *Primavera* de Castilho, a tal ponto de se ver vivo após ter sido “banido / do paraíso” que era sua inocência para “este cahos / De vícios, de traições, torpesas, crimes, / Onde é mais venturoso o mais corrupto, / Onde opprobrio e louvor seus nomes trocam! / Onde, se ahi entra affecto, anda escondido!”. António Maria do Couto Monteiro é mais um poeta, como Castilho e tantos outros do período, que não vê para si um lugar no mundo e por isso anda solitário, como os

versos do “L’isolement”, de Lamartine, que escolheu para epígrafe do “Coimbra”: “Fleuves, rochers, forêts, solitudes si chères, / Un seul être vous manque, et tout est dépeuplé!”⁵

Em “Coimbra”, o afeto possível era apenas o da natureza saudosa dos arredores da cidade. Além da inocência, todo ele mudou. É mais um eco de Camões. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / Muda-se o ser, muda-se a confiança: / Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades. / Continuamente vemos novidades, / Diferentes em tudo da esperança.”. A partir da ideia camonianiana de que tudo muda, menos a esperança, dirá Couto Monteiro: “Meu ser, meu coração, minh’alma e vida / Tudo, tudo é mudado! a esp’rança ao menos / Não morreu, não morreu; cá dentro a sinto”. Essa esperança que não morre é a mesma que o fazia rezar com sua mãe ante a imagem da Virgem para que passasse a tempestade. “Se a ventura no mundo é sonho apenas”, refugia-se ele no que está além da terra, na religiosidade da vida após a morte.

Apenas por essa comparação entre dois dos poetas do grupo d’*O Trovador*, um convidado por Castilho para participar da *Revista* e outro que envia por conta própria sua colaboração, podemos melhor refletir sobre os critérios de valoração do redator. Além do efetivo trabalho formal, cuja rima em “ir” desleixadamente ressoando num poema em versos brancos mancha a imagem que o redator teria do poeta de Leiria, há algo mais. Rodrigues Cordeiro, esforçando-se para agradar Castilho, não percebe que ataca frontalmente sua posição de poeta da *Primavera*, de quem deveria ser herdeiro, algo que Couto Monteiro soube valorizar, associando-se também a uma linhagem que passa por Camões. Se os novos poetas queriam o apoio da *Revista Universal* para se tornarem conhecidos, Castilho queria, além de reconhecimento como mestre, bons discípulos. João de Lemos é então, para ele, o exemplo a ser seguido.

Dentre todos esses jovens poetas apoiados por Castilho, merece destaque o nome de João de Lemos. Ele é o poeta mais prestigiado pelo redator, reconhecido por este e por seus colegas como líder do grupo. O que o destaca do grupo que publicava no periódico *O Trovador*?

A própria crítica literária, igualando todos esses trovadores, acaba, vez ou outra, deixando despontar o nome de Lemos. Tanto que, Alberto Ferreira, por exemplo, após deplorar o papel desses poetas, comentando que *O Trovador* “ajuda a radicar ainda mais o lirismo decepcionado” (FERREIRA, 1971, p. 126) numa sociedade que se ia “extenuando e aclimatando ao gosto da burguesia ordeira” (FERREIRA, 1971, p. 129),

⁵“Rios, rochas, florestas, desertos tão queridos, / Um só ser vos falta, e tudo está despovoado!” (Tradução livre nossa).

deixa escapar que a “*Lua de Londres* saiu um pouco fora dos padrões estéticos normalizados pela época” (FERREIRA, 1971, p. 136).

Talvez, acompanhar a trajetória de João de Lemos e seu contato com António F. de Castilho ajude a explicar, em parte, sua poesia e seu desenvolvimento como figura literária reconhecida, e talvez indique motivos para a posterior obscuridade que encobriu sua obra.

A relação entre esses dois poetas pode ser facilmente traçada. No n.º 24 do segundo tomo da *RUL*, de 2 de março de 1843, – bem anterior, portanto, ao lançamento d’*O Trovador*, – Castilho anuncia feliz o desenvolvimento de uma nova geração que continuaria o caminho para as estrelas, num artigo com título em Latim, retirado de seu amado Virgílio, como predisposto a servir para a eternidade: “Macte, nova virtute, puer! sic itur ad astra”⁶. Segundo ele, “cada vez se vae auspiciando mais prosperamente a revolução litteraria, moral e religiosa” (*RUL*, II, n.º 24, 02/03/1843, p. 304). A história da literatura portuguesa é vista por ele como uma paisagem feliz construída horizonte a horizonte, camada sobre camada, umas mais férteis do que outras, a partir da revolução que levou a ruínas o “mundo velho”, tanto político quanto literário. Esses jovens poetas

são a primeira vegetação, que principia a apparecer e florir sobre as ruinas tristes e estéreis do nosso mundo velho; se não produzirem já fructo, no seu logar e no seu pó virão depois arreigar-se plantas mais felizes, que formando o terreno a outras, ainda mais corpulentas e abençoadas do que ellas, haverão igualmente contribuido, para que sumidas e talvez esquecidas as ruinas – sobre ellas, em chão assente e formoso se disfructem dias de abundancia, de paz, de contentamento. (*RUL*, II, n.º 24, 02/03/1843, p. 304)

Da literatura do passado pouco restava. Francisco Joaquim Bingre, já octogenário, ainda chega a enviar um poema para a *Revista*. Para o redator, esse vate é “a columna, que permanece em pé no meio das ruinas de um bello edificio, e de cujo capitel, revestido de musgo, sae um canto de ave, que no meio da solidão aviva e poetisa ainda mais as saudades do que passou” (*RUL*, III, n.º 24, 01/02/1844, p. 290). Castilho interessa-se pelo futuro da poesia e comenta que, após algumas gerações passarem, “virão homens [...] que intendam que o individuo e a sociedade se não mantem de pão unicamente, [...] homens emfim, cujos argumentos se não cifrarão todos em calcular forças mechânicas” (*RUL*, II, n.º 24, 02/03/1843, p. 304). Afinal, para ele, o “materialismo do viver, filho do materialismo do pensar ou antes do não

6 “Parabéns, nova virtude, rapaz! assim se vai aos astros” (tradução nossa).

pensar” está em crise e é “insuficiente para o verdadeiro fim por que a nossa especie se reúne, que é a satisfação recíproca e a satisfação mútua” (*RUL*, II, n.º 24, 02/03/1843, p. 304). Quem são, portanto, os opositores desse “materialismo” que pensa apenas pelo “calcular de forças mecânicas” e que não contribui para a “satisfação”, ou melhor dizendo, para a felicidade – preocupação constante de nosso velho poeta? São os “defensores zelosos das doutrinas antiquíssimo-novíssimas”. A crítica do redator é clara, contrária à modernidade capitalista, industrial, acumuladora, “materialista”, burguesa, racional, que retirou do mundo a possibilidade de satisfação de algo mais do que a fome. A arma contra essa modernidade é praticamente uma antítese, andar na “contramão da modernidade” nas palavras de Michael Löwy. Mais uma vez, em poucas palavras, António Feliciano de Castilho expõe a grande problemática romântica: lutar contra o avanço da modernidade a partir de algo do passado (“antiquíssimo”) sem abdicar da própria modernidade (“novíssima”). E o grande soldado nessa luta contra o mundo prosaico é o poeta. João de Lemos é “um novo campeão, que vae entrar na lide com o escudo ainda liso, mas forte com seus vinte annos, com a inteireza do seu coração, com a virgindade da sua fê” (*RUL*, II, n.º 24, 02/03/1843, p. 304).

Todavia, Castilho não conhecia ainda Lemos, nem sua produção. O redator ouvira de seu amigo “íntimo, juiz em litteratura competentíssimo”, as qualidades desse “zeloso neóphito da religião poetica”. Quem seria esse em quem António F. de Castilho tanto confiava como crítico de poesia, sobretudo poesia “moderna”, para dedicar quase uma página inteira a comentar um poeta desconhecido? É Pereira da Cunha quem vai afirmar, em 1867, n’*A Nação* (n.º 5834, 01/08/1867, p. 1), que quem guiou Castilho nesse entusiasmo pelo jovem poeta foi o mesmo que, traduzindo Schiller, suscitou *A Noite do Castelo*, o mesmo a quem António Feliciano mostrou seu poema para ouvir o parecer antes de publicá-lo: Alexandre Herculano.

É apenas em outubro de 1843 que Castilho terá contato efetivo com os poemas de João de Lemos e comenta-os no n.º 10: “abundancia de sentimento, ora profundo ora mimoso; arrojos de phantasia, que não raro chegam a creação; originalidade no stylo; muitas vezes bellezas lyricas de uma ordem muito elevada, e constantemente philosophia moral e religiosa” (*RUL*, III, 26/10/1843, p. 115). A partir de então, Lemos se torna colaborador da *Revista*, instigado pelo próprio Castilho, e se torna conhecido do grande público.

Aos poucos, o redator toma conhecimento de outros poetas amigos de João de Lemos, que vão ocupando espaço em seu periódico. Quando finalmente é publicado o primeiro número d’*O Trovador*, Castilho aponta que seu jornal “tem tido a boa sorte de ser o primeiro revelador de muitos talentos poeticos” e que “todas estas poesias pertencem rigorosamente á eschola moderna” tornando o periódico coimbrão um “cancioneiro

contemporaneo” (*RUL*, III, n.º 42, 05/06/1844, p. 509). Se os jovens poetas precisavam de um patrono, Castilho não era assim tão altruísta e apressa-se a se associar a essa “escola moderna”, afirmando que a essa “mocidade academica” o “prende uma antiga e indissolúvel fraternidade”. A consequência dessa afirmação não demorou a acontecer.

No dia de S. João seguinte, João de Lemos, Luiz da Costa Pereira, António Xavier Rodrigues Cordeiro, José Freire de Serpa, Augusto José Gonçalves Lima e António Maria do Couto Monteiro tentaram repetir as “Festa da Primavera” e “Festa de Maio” que António Feliciano de Castilho e seus colegas da Sociedade dos Amigos da Primavera realizaram em Coimbra, prestando homenagem a esses “bardos”. Conta Lemos que “não [foram] como sacerdotes, senão como romeiros visitando o templo com devoção e amor a poesia” e continua: “Ao desembarcarmos luziu nas almas de todos um sentimento, e, de cabeças descobertas, voou dos lábios de todos um nome: – o sentimento era a admiração, o nome era Castilho!” (*RUL*, III, n.º 46, 04/07/1844, p. 558).

Com essa homenagem, Castilho identifica uma linhagem de poetas coimbrães, “já desde os tempos do Dr. Antonio Ferreira, e Sá de Miranda”, incluindo-se, claro, nesse grupo, indicando como seus “herdeiros” os poetas do *Trovador*. Não satisfeito, completa António Feliciano de Castilho: “desejamos que o exemplo de uns e de outros seja seguido de anno a anno pelos vindouros” (*RUL*, III, n.º 46, 04/07/1844, p. 558). Não imaginava ele que a Geração de 70, de Antero de Quental, Eça de Queirós e companhia, recusaria ser mais um elo nessa corrente, nem se identificaria com as “plantas mais felizes” que se arreigariam a esse solo, como ele previra quando João de Lemos começa a publicar.

É apenas a partir dessa homenagem aos poetas da primavera que António Feliciano declara sua preferência pelos poemas de Lemos. O destaque é para “Hosana”, de temática religiosa, recitado pelo trovador no “São João Poético” com seus amigos. Sobre essa composição, Castilho indica (*RUL*, IV, n.º 18, 21/11/1844, p. 216) que não considerará, em sua análise, “a poesia, muitas vezes remontada, muitas singela e sempre vívida, colorida e lustrosa” por serem “méritos constantes e já communs nos escriptos d’este esperançosissimo auctor”. Admirará “somente o seu nobre e, em geral, bem succedido ardimento na parte métrica”. Afinal, António Feliciano de Castilho considerava a questão formal, sobretudo os aspectos sonoros, como rima, ritmo e métrica, fundamentais à poesia, mesmo a moderna. Para ele, uma composição não poderia ser considerada poesia se a forma não fosse harmônica com o conteúdo ou se fossem invenções formais sem relação com o tema. Castilho preocupava-se em influir nos jovens poetas uma valorização do clássico e da tradição poética, um trabalho artístico, artesanal, na poesia, não valorizando simples arrojados de inspiração.

O redator da *Revista* aproveitará o poema de João de Lemos para mais uma lição sobre arte poética. Afirma ele que “nada é mais facil que o rimar: nada mais dificil, nada mais raro que o rimar bem”. Lembra que versos consoantes são “um peccado contra a razão”. Entretanto, dada a sua generalização, “não ha remedio senão releval-o e commettel-o com boa feição”. O poeta, como mestre, indica então as regras que se podem seguir para que se rime “com boa feição”: primeiro, alternar as rimas graves com as agudas; segundo “e principalissimo”, “fugir de aconsoantar palavras da mesma natureza grammatical”, o terceiro alvitre, procurar palavras que “rimam entre si pelo maior numero de lettras”, mas isso seria quase impossível se se seguir as duas primeiras regras. O exemplo dessa “revolução na mecanica da poesia” é sua “Epístola a Francisco de Assís Rodrigues”, inserta nas *Escavações Poéticas*. Por que essa longa advertência? Porque João de Lemos, ao compor um poema para homenagear Castilho, seguiu essa “mecanica”, deixando claro que se considerava discípulo do poeta das *Escavações*.

Apesar dessa ligação como herdeiro formal de Castilho, o próprio título do poema de homenagem demonstra que, ao menos no que tange ao aspecto temático de suas composições, Lemos consegue afastar-se dessa influência, aproximando-se mais de seu primeiro admirador, Alexandre Herculano. Além de poesias que parecem “florir” sobre as ruínas, “plantas mais felizes”, como desejava Castilho, o poeta trovador cantou outros temas.

São os três volumes dos *Cânticos* que nos interessam propriamente, pois neles estão insertos os poemas publicados tanto na *Revista Universal Lisbonense* quanto n’*O Trovador*. O primeiro, *Flores e Amores* (1858), tem cinquenta e oito poemas. O segundo, *Religião e Pátria* (1869), quarenta poemas. E o último, *Impressões e Recordações* (1867), é composto por quarenta e três. A divisão dos tomos, segundo o próprio Lemos, é mais temática do que cronológica, apesar de haver, sobretudo no último volume, alguns poemas que deveriam estar nos dois primeiros, mas que, por terem sido compostos depois ou por somente os ter reencontrado depois de impressos os primeiros volumes, acabaram por vir no *Impressões e Recordações*. Na *RUL* de Castilho, João de Lemos publicou nove poemas, além de algumas estrofes do “Hosana”, sendo, efetivamente, o mais bem acolhido poeta nesse periódico. Há, como era de se esperar numa seleção feita inicialmente por Castilho, cinco poemas que integrarão o primeiro volume: “Eliza” (*RUL*, III, n.º 10, 26/10/1843, p. 116), “A Creancinha” e “Um Brinco” (*RUL*, III, n.º 18, 21/12/1843, pp. 215-216), “A festa da natureza” (*RUL*, IV, n.º 38, 10/04/1845, p.458) e “O Meu São João” (*RUL*, IV, n.º 48, 19/06/1845, pp. 576-577). São três os que virão a integrar o segundo volume: “Natus est Jesus” (*RUL*, IV, n.º 23, 24/12/1844, pp. 278-280), “A Lampada do Santuario” (*RUL*, IV, n.º 45, 29/05/1845, p. 541), e

“Oração de Leonor” (*RUL*, III, n.º 10, 26/10/1843, p. 116). E apenas um que irá para o terceiro volume: “O Tumulo de Nero” (*RUL*, IV, n.º 44, 22/05/1845, p. 531), “trêcho lyrico superior ao qual nada conhecemos em Portuguez” (p. 533), comentava Castilho.

O que melhor descreve os poemas do primeiro volume é o título anunciado na *RUL* e depois abandonado: “inocências”. São poemas em que a natureza está intimamente ligada ao amor, e a mulher é pura, idealizada, angelical, intermédio entre os homens e as criaturas celestes, como no poema publicado na *Revista* intitulado “A Creancinha”.

O fim da inocência, o momento em que ela se esvai, é também tema de alguns poemas do primeiro volume, como o próprio “Elysa”, no qual a donzela senta-se repetidas vezes nos joelhos do sujeito lírico e a cada vez recebe dele um pedido: “Cinge, cinge-me ao cólo o róseo braço;/ Poisa a face na minha; ergue os teus olhos” (*RUL*, III, n.º 10, 26/10/1843, p. 116), “Embebe-me no seio essa candura;/ Inclina aos vagos sons o puro ouvido” (*RUL*, III, n.º 10, 26/10/1843, p. 116) e “Casa teu peito ao meu com mais extremo,/ Que vaes tudo saber, assim; responde,/ Que sentes, innocente?”. Nesse movimento descendente de Elysa, o poisar, o inclinar-se e, por fim, o casamento extremo dos dois peitos, está o caminho para o conhecimento que se dará pelo encontro amoroso:

“A tua mão, que me estreita: – é meu carinho:
“Os teus labios nos meus: – é casto beijo:
“Teu seio que me abraça: – é meu affecto:
“Fugiste! – és a innocencia.
(*RUL*, III, n.º 10, 26/10/1843, p. 116)

Quanto aos aspectos formais, mesmo livre dos modelos clássicos, poucas vezes João de Lemos entregou-se aos versos brancos e à total liberdade da forma, deixando-se aprisionar muitas vezes a ideia pelas construções formais que ele forçava por ver de pé, como alertava Lopes de Mendonça:

É talvez este um dos escolhos da poesia moderna, e que o sr. Castilho, entre os bellos serviços que fez ás letras, não soube prevenir, antes cuidadosamente exagerou. A fórmula é ás vezes um tumulo magnífico, mas a morte habita dentro d’elle. Dizemos francamente a verdade; o sr. João de Lemos, na perfeição a que levou a fórmula, não soube eximir-se d’este defeito. (MENDONÇA, 1855, p. 227)

Essas palavras do crítico daquela geração, António Pedro Lopes de Mendonça, parecem corretas para grande parte das composições de Lemos. Entretanto, não vemos o trabalho formal desse poeta como algo estéril. Como bem aponta Fausto José, “nas suas poesias não há só forma, há fundo, e talvez mais fundo do que forma, porque foi um lírico espontâneo” (JOSÉ, 1947, p. 136). Também, é claro, Castilho não acreditava que a forma era a principal qualidade da poesia. Para ele, “o saber só per si não basta. Se um ingenho creador, se uma certa graça original não influem a quem escreve, as paginas mais trabalhadas de balde se fiarão no seu muito pêso: esse mesmo ha-de ser sempre o que mais depressa as leve ao fundo” (*RUL*, tomo III, n.º 4, 14/09/1843, p. 47). E os abismos, ou túmulos, muito presentes na obra de João de Lemos, são parte inerente de seu olhar sobre o mundo.

O ambiente cercado por abismos feitos pelo mar cavado é uma imagem reiterada em sua poética. A paisagem rasgada, na terra ou no mar, aparece como tema em diversos poemas de Lemos, até mesmo em “Um Brinco”:

Porque folgas, infante, ao pé das ondas,
Quando sobem, fugindo, e quando descem,
Perseguindo-as, louquinho?!
Já lamberam teus pés, já, despeitosas,
Te cuspiram á face a leve escuma,
E sorris-lhes, applaudindo?
Oh! não brinques assim... ai!... foge... foge...
É já tarde!... involveram-te! banharam-te!...
Foge ás vagas do mundo!
(*RUL*, III, n.º 18, 21/12/1843, p. 216)

Importante ressaltar que nesse seu olhar sobre o mundo, Lisboa pouco aparece. As paisagens portuguesas são descritas sem especificidade, enquanto João de Lemos tem com o Reino Unido uma relação de veneração e crítica. Ele exalta sua riqueza, seus poetas, e suas maravilhas, mas aponta que, apesar disso ou mesmo talvez por isso, mantém opressa a Irlanda, deixa com fome os pobres e está cercada de fumaça e escuridão. Por outro lado, ao cantar suas impressões de viagens, Londres é paisagem recorrente, como no poema “Cantos Vagos”, do terceiro volume de seu cancionero:

Quem viu os parques da moderna Roma
Sem esse pasmo que a grandesa inspira?!
Este... oh! Que extensão fechada a ferros!
Que multidão! Que luxo aqui se ostenta!
Como as louras creanças pelo campo

Correm doidas atrás dos leves arcos!
Como é bella esta ponte, além o oiteiro,
Este bosque, este lago, aquelles cysnes
Desmentindo na côr antigas musas!
Como as filhas d'Albion graciosas domam
De garboso ginete a nobre raiva!
Que luzido cardume d'aureos coches
Rapidos retalhando a fulva arêa!
E aquelle gentil carro, que voltêa
Sem roçar quasi o chão, dir-se-ha que o beija
No giro subtil das breves rodas!
Elegante na côr, adorno e fôrma
Accrescenta a vaidade aos corceis negros
Que devoram com elle o longo espaço!
(LEMOS, 1867, p. 69)

Seu “pasma” é tão grande pelo luxo, pela velocidade, pela leveza e pela urbanização da cidade que chega a transpor a língua, assumindo o anglicismo, e a transportar a sede de sua religião para essa “moderna Roma”. Uma religião que não é mesmo a de encantamento, mas a própria institucionalização do mundo, numa adoração cuja elevação não é a da alma, mas a do luxo, a do dinheiro. O grande contraponto entre a cidade, Londres, e sua pátria, a terra de sua infância, as aldeias na serra e no vale do Lima, é o mote de seu poema mais famoso, “A Lua de Londres”. Nesse poema, a Lua não tem segredos, não tem mistério, não tem amores, é muda, pois em Londres, “o astro saudoso/ Rompe a custo um plumbeo Céu, / Tolda-lhe o rosto formoso / Alvacento, humido véu” (LEMOS, 1867, p. 27). A paisagem londrina, os “parkes”, que ele admirava, não podem ser vistos em meio a esse *fog*, como a Lua não é avistada – “Como has de entre gêlos / Dardejar teus raios bellos, / Fumo e nevoa aqui amar?” (LEMOS, 1867, p. 29). Londres, “das cidades a Princeza”, onde há “a industria e as artes”, “ouro e pedrarias”, “ruas mil, mil arcarias”, onde “vastas serras de tijolo, / estatuas, praças sem fim / retalham, cobrem o sólo” (LEMOS, 1867, pp. 29-30), não o encanta. Canta ele: “Amo as casinhas da serra / Co’a lua da minha terra, / Nas terras do meu paiz” (LEMOS, 1867, p.30). É a mesma decepção que mais tarde Eça de Queirós descreverá em seu *A Cidade e as Serras*, desprezando todas as maravilhas do progresso de Paris pelas terras de Tormes, enquanto Lemos compara as serras de tijolo londrinas com as naturais de seu país.

Se “as nuvens do Céu inglez” encobrem a Lua, o mesmo não acontece na Roma italiana no poema “A Noite no Colisseu”. Nessa cidade, o sujeito se “ia perdendo / Ao acaso, sem rumo, sem destino / Sem sequer o cuidar” enquanto “Ia alta a lua, Cristalina e formosa em Ceu diaphano, /

Como em Ceu portuguez”, a ponto de sentir ciúmes: “Pesou-me vê-la assim em terra extranha” (LEMOS, 1867, p. 121). Esse pesar é maior do que o de mero amante enciumado. O peso de ver a lua em Roma tal como a de Portugal é que o povo lá também é “herdeiro pequeno e enfraquecido / Da grandeza maior que a historia aponta”.

A poesia de João de Lemos é de certa forma cosmopolita, não apenas por ter tentado adaptar ao português formas da lírica romântica de outras línguas, mas pela própria variedade de temas e paisagens. De fato, a descrição do ambiente urbano é muito mais detalhada quando se trata de Londres ou Roma do que as paisagens portuguesas, que não passam de imagens vagas sem localização, a não ser por uma toponímia ampla, como Coimbra ou Mondego. Essa tendência por uma localização cosmopolita do poeta permite a Lemos uma liberdade de assuntos, de forma e de comparação crítica com seu país que não se percebe em outros poetas de seu grupo. Isso o possibilita ambientar seus poemas na Londres de “plúmbeo céu” ou na “Roma, relicario imenso” (LEMOS, 1867, p. 112), buscando, inclusive, lendas e fantasias que fogem, às vezes, do imaginário comum dos solaus de Serpa ou de Pereira da Cunha ou mesmo do seu “Nossa Senhora do Pranto”, por exemplo, como “O Tumulo de Nero”. Esse poema elogiado por Castilho quando de sua publicação n’*O Trovador* e imediatamente reproduzido na *Revista Universal* retoma e desenvolve uma lenda romana de um “Negro corvo, e ás horas mortas / O corvo sempre a grasnar; / era o terror da cidade!” (RUL, IV, n.º 44, 22/05/1845, p. 531). Impossível não pensar no “The Raven”, de Edgard Allan Poe, atormentando o sujeito ao grasnar repetidamente “Nevermore!”. Não cremos que Lemos tenha tido contato com o poema estadunidense, publicado pela primeira vez em Nova Iorque em 29 de janeiro de 1845 no *Evening Mirror*, antes de publicar os seus versos sobre a ave que grasna “Roma! Roma!” em maio do mesmo ano. Ressaltamos, contudo, a semelhança fônica no uso de /r/ e /m/ além do /o/ longo tanto na fala do corvo de Poe quanto na da ave de Lemos, ao contrário do som muito mais aberto da tradução “nunca mais!” escolhida tanto por Machado de Assis quanto por Fernando Pessoa em suas versões de “O Corvo”. Sonoridade que se repete ao escavarem o solo sobre o qual o corvo grasnava e encontrarem uma urna, instigando o sujeito a ler a “funerea inscrição”: “aqui jaz... Nero! / Nero!... Nero!... Maldição!” (RUL, IV, n.º 44, 22/05/1845, p. 531). Inclusive, a figura do corvo representando a inexorabilidade da morte no poema de E. A. Poe corresponde à ideia de João de Lemos: “E do sepulchro o segredo / Vem negro corvo ensinar!” (RUL, IV, n.º 44, 22/05/1845, p. 531). João de Lemos não escreveu “The Philosophy of Composition” como o poeta estadunidense explicando que “Melancholy is thus the most legitimate of all

the poetical tones”⁷ e como atingir esse tom pela escolha sonora para sua composição. Contudo, herdeiro de António Feliciano de Castilho na busca da harmonia na poesia, podemos dizer que o trovador Lemos atingiu o mesmo efeito seguindo as mesmas escolhas fonéticas do aclamado Edgard Allan Poe, mas escrevendo em Coimbra, Portugal, não na industriosa Nova Iorque, Estados Unidos da América.

João de Lemos não é realmente um poeta só de amores como tem sido apontado até então. O mais cosmopolita poeta de seu grupo não poderia ter sido ignorado por António Feliciano de Castilho. Não o foi também por Alexandre Herculano ou Almeida Garrett. Há em sua obra uma importante preocupação com a forma do poema. É preciso ressaltar sua tentativa e a capacidade de inovar a poesia portuguesa pela questão formal e destacar os casos bem sucedidos. Lemos seguiu realmente o que pregava seu mestre e a sonoridade de seus poemas é resultado de um trabalho artesanal que procura criar uma harmonia entre a ideia e a forma.

O que essa ação de Castilho de acolher jovens poetas mostra é que, se a literatura não fazia parte do programa inaugural da *Revista Universal Lisbonense*, aos poucos, o redator foi percebendo que não podia ficar sem ela. A poesia, gênero distante dos “conhecimentos úteis” propagados em seu periódico, demorou a ocupar espaço nessas colunas. Não há nenhum poema no primeiro tomo, apenas três no segundo, enquanto no terceiro já são 19 e o último tomo sob redação castilhiana apresenta 69 poemas, inclusive com número comemorativo da quadra natalina composto exclusivamente por literatura, sem as seções tradicionais “conhecimentos úteis” e “notícias”. Não podemos imaginar que essa mudança de estratégia tenha sido gratuita, se nenhuma outra o foi. Há um motivo não anunciado em suas páginas, mas coerente com a trajetória e os desejos de Castilho enquanto poeta.

Em seus próprios poemas, vemos como o desejo de glória, de ser lembrado, de ser mestre de outros poetas era importante para António Feliciano. Preso aos clássicos, que considerava imortais, o poeta imaginava um prolongamento dessa imortalidade para si mesmo. Aos poucos, A. F. de Castilho parece ter compreendido que o valor desses poetas não estava nos temas e nas imagens mitológicas, referências cujo conhecimento era necessário a qualquer compositor árcade. A importância estava no trabalho formal dessas obras de referência e essa é sua luta constante, tanto em sua poesia quanto nas dos outros ou em seu trabalho de tradução. Ao mesmo tempo, Castilho sabia que ser poeta não era o suficiente, “ceifar louvores”⁸ era necessário.

7 “Melancolia é então o mais legítimo de todos os tons poéticos” (tradução nossa).

8 Como Castilho aponta em seu poema “A Primeira Noite na Serra”, composto em 1826: “Ai! mundo! ai! ecos sedutores! Tanto vate a ceifar louvores!.../ Tanto moço a colher amores!.../

Se a ele não seria dado penetrar na nova literatura, como ele anunciou, era preciso marcar sua posição na história literária portuguesa e a *Revista Universal Lisbonense* seria campo onde isso ocorreria, pelo prestígio que o periódico tinha alcançado. António Feliciano de Castilho consegue criar nessa publicação um campo de louvor a si mesmo, impondo-se como marco importante na transformação da poesia portuguesa – algo que a geração coimbrã precisará destruir para não se sujeitar. Isso porque Castilho havia percorrido dois caminhos paralelos e em mão dupla para a afirmação de uma posição “antiquíssimo-novíssima” ou “neutral” no centro dessa história poética. Ao retomar para si a posição de primeiro herdeiro de uma dinastia de poetas coimbrães que passara por Camões, Sá de Miranda e, inclusive, pelos trovadores medievais, chama para si o papel de mestre da nova geração. Os jovens d’*O Trovador* não podiam deixar de homenageá-lo em seu “S. João Poético”, reconhecendo-o como tal. Cabia a Castilho, então, indicar os rumos que essa poesia deveria seguir, florindo sob o céu português. Nesse olhar para frente, apesar da diferença de ideologia política, não há outro nome que assome como o de João de Lemos. O poeta legitimista compreende a herança de Castilho no culto à forma, na busca de algo novo em poesia que marque seu nome na história literária portuguesa, na concepção moral, e na colheita de louvores. Os outros existem praticamente à sua sombra. Além disso, o redator da *RUL*, do alto da posição que criou para si, julga todos os outros poetas e aponta os que devem buscar lugar sob seu sol mesmo que cantem mágoas e melancolias pouco profundas e moralmente pacíficas. Naquele momento, todas essas flores são caminhos para a felicidade, um escape que destoe do prosaísmo do mundo quantitativo do cálculo, como um cantar de amores num sepulcro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, António Feliciano de. *O Presbyterio da Montanha*. 2 v. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1905.

_____. *Tratado de Metrificação Portuguesa*. 5ª ed. 2 v. Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1908.

CUNHA, A. Pereira da. “O Cancioneiro de João de Lemos”. *A Nação*, Lisboa, n.º 5834, p. 1, 1 ago. 1867.

Tantos loireiros e rosas!.../ E eu nesta solidão a torcer-me arraigado,/ qual roble que geme indignado,/ vendo ao longe no Oceano os lenhos triunfais!” (1925

FERREIRA, Alberto. *Perspectiva do Romantismo Português*. Lisboa: Edições 70, 1971.

JOSÉ, Fausto. “João de Lemos”. In: SIMÕES, Gaspar. *Perspectiva da Literatura Portuguesa do Século XIX*. Lisboa: Ática, 1947. p. 117-138

LEMOS, João de. *Cancioneiro de João de Lemos: Flores e Amores*. v. I. Lisboa: Escriptorio do Editor, 1858.

_____. *Cancioneiro de João de Lemos: Religião e Patria*. v. II. Lisboa: Escriptorio do Editor, 1859.

_____. *Cancioneiro de João de Lemos: Impressões e Recordações*. v. III. Lisboa: Escriptorio do Editor, 1866.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Memorias de Litteratura Contemporanea*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1855.

O Trovador/O Novo Trovador. Edição segundo as primeiras edições (1848/1856). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.

QUEIRÓS, Eça de. *A Cidade e as Serras*. Introdução por Carlos Reis. 3ª ed. Lisboa: Ulisseia, 1992.

REVISTA Universal Lisbonense – Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional, 1843.

REVISTA Universal Lisbonense – Tomo III. Lisboa: Imprensa da Gazeta dos Tribunaes, 1844.

REVISTA Universal Lisbonense – Tomo IV. Lisboa: Imprensa da Gazeta dos Tribunaes, 1845.

SANTOS, Maria de Lourdes Costa Lima dos. *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*. Lisboa: Presença, 1988.

Data de recebimento: 15 mar. 2014.

Data de aprovação: 30 maio 2014.